

R. Gazeta
12/1/97
265

A GAZETA □ Cuiabá, 1

Antenas parabólicas, bordéis, farmácias e vários outros pontos comerciais estão sendo desmontados no meio da mata, com a efetivação da Operação Sararé II. Garimpeiros lamentam mudança

Cidade de lona começa a sumir

Nelson Francisco
Enviado Especial

Uma cidade inteira de lona, com antenas parabólicas, bordéis, farmácias, supermercados e bares, começa a ser desmontada dentro da Reserva Indígena Sararé com a "Operação Sararé II". Estima-se que pelo menos quatro mil pessoas habitavam essa cidade com centenas de barracos e mais de 90 pontos de comércio. O surgimento dessa localidade, denominada "Ferrugem IV", começou com a notícia da existência de ouro, a pouco menos de quatro quilômetros da aldeia onde vivem os índios Kiathurlu, subgrupo Nhambikwara.

Nesta cidade, que funcionava dia e noite, com o movimento em "popa" dos bordéis, a "currutela", como chamam os garimpeiros, vivia do sonho de se encontrar ouro em abundância e movimentar a economia das cidades vizinhas como Pontes e Lacerda, Nova Lacerda, Comodoro e as comunidades

rurais. A produção do mineral é controversa, sendo que cada um fala num valor estimado. Mas, antes da deflagração da operação de desintrusão, nada menos que cinco novas dragas entravam por dia na cidade. Cada máquina retirava em média do solo cerca de 20 a 30 gramas de ouro e empregava cinco ou seis pessoas em cada draga.

Os habitantes dessa "currutela" que aos poucos está sendo desmanchada vieram de cidades como Alta Floresta, Peixoto de Azevedo, Apiacás e Cuiabá. São pessoas que, levadas pela "febre do ouro", apostaram tudo para conseguir uma vida melhor. "Quando soube que aqui minha vida poderia dar uma guinada, não pensei duas vezes, arumei as trochas e vim para cá com uns amigos meus que tinham máquinas", diz o garimpeiro, Geraldo Pereira Borges, 38 anos, de Alta Floresta.

Mas quem pensa que na "currutela" só tem vez quem é garimpeiro, engana-se. A economia in-

formal emprega centenas de pessoas que oferecem os mais variados serviços. Os garimpeiros acreditam que, em toda a área, cerca de 100 hectares, existem seis boates, dois açougues, seis mercearias, três farmácias-laboratórios para exame de malária, cinco lanchonetes (uma vendendo pizza), casas de bingo, pontos de vendas de óleo diesel, comércio de peças para máquinas de garimpos e manicures.

Como o próprio nome já diz, o "Ferrugem IV" é uma extensão do "Ferrugem III", que por sua vez partiu do "II" e do "I". A distância entre as "currutelas", emendadas com grandes crateras e degradação do meio ambiente, é de aproximadamente 19 quilômetros. O "boom" populacional do "Ferrugem IV" (o nome veio do alto teor do ferro na água do córrego mais próximo) começou a se intensificar há cerca de três meses, mas existe há mais de quatro anos. "Isso aqui

já foi bom, mas hoje, por causa desses índios, colocamos tudo a perder", disse com ar de desprezo pela causa indígena Geni Soares, 28 anos, garota de programa ou "china", como também são conhecidas no garimpo as garotas de programa.

Na cidade encravada no meio da floresta e sem nenhuma infraestrutura não falta nem mesmo a parte histórica, característica de todo e qualquer município. O garimpeiro Josué Salles acredita que há muitos anos toda a área que hoje denomina-se "Ferrugem IV" e que já está acabando teria sido revirada por negros e bandeirantes no início do século. Para embasar a sua tese, ele cita que muitos colegas seus do garimpo já acharam objetos antigos como dentaduras de ouro, inscrições em pedras e crucifixos de cobre, dentre outros. "Esse lugar já foi refutado", mas, graças a Deus, não levaram tudo. Ainda resta alguma coisa", acredita. (Veja mais sobre Sararé na edição de amanhã).

Pedágio

Ouro propiciou alternativa de dinheiro fácil

Enviado Especial

A máxima de que onde tem ouro tem dinheiro se aplica até mesmo em locais que jamais um cidadão urbano possa imaginar. Um pedágio na porteira da "Fazenda do Zé Luiz", dono de posto de gasolina em Pontes e Lacerda, é mais um gasto que movimenta a economia dos garimpeiros, caso queiram ter acesso aos dez garimpos instalados na Reserva Sararé. A moeda forte da fonte de renda do proprietário é o óleo diesel. Motivo: tudo nos garimpos é movido a óleo diesel. Para cada tambor de 20 litros de óleo diesel, os funcionários da porteira, que ficam 24 horas no local, cobram R\$ 15,00 para seguir viagem mata adentro.

Na matemática, que todo garimpeiro já conhece na ponta da língua, para cada tambor com 20 litros - que custa nos postos de gasolina em Pontes e Lacerda R\$ 70,00 - chega-se ao garimpo por R\$ 85,00. Os motoristas de táxi também pagam R\$ 5,00 para atravessar a porteira, caso contrário não levam seus passageiros aos garimpos "Curimã" e "Ferrugem I, II, III, IV".

Além do gasto com o pessoal, uma das principais despesas no "Ferrugem IV" é justamente com o óleo diesel. Os geradores das boates, casas e do comércio em geral

Aventura no meio da floresta

Enviado Especial

Para chegar ao "Eldorado do ouro" é preciso ser um verdadeiro malabarista para vencer a lama, buracos, áreas alagadas, córregos e leitos de rios. O acesso aos garimpos instalados na reserva dos índios torna-se uma aventura digna de "Indiana Jones". Apesar da pouca distância, a viagem é longa, cansativa e exige muita disposição. De Pontes e Lacerda até a área mais distante, o "Ferrugem IV", são 17 quilômetros de asfalto e outros 45 de terra. Em alguns locais, só é possível a travessia de trator, que trafega diariamente pelo local.

Mesmo com tantas dificuldades

para chegar até as "currutelas", o transporte não é problema. Centenas de carros como táxi, por exemplo, caminhões e camionetes fazem o percurso durante todo o dia até o início da noite. As estradas foram abertas por madeireiros, que, em busca de madeira nobre como o mogno, abriram um clarão no meio da reserva indígena, de forma a facilitar o acesso dos garimpeiros à área. Para chegar às "currutelas", a referência é a "fazenda Zé Luiz", que todo mundo na cidade sabe onde fica. Ao chegar até o local, a 21 quilômetros de asfalto de Pontes e Lacerda, a estrada se bifurca. A esquerda, chega-se à área de garimpo conhecida como "Tio Chico", on-

de, segundo um garimpeiro, existem 750 trabalhadores em busca do minério.

O trecho mais complicado é o que leva ao maior garimpo, o "Ferrugem IV", à direita da porteira da Fazenda Zé Luiz, onde se cobra inclusive pedágio. Da porteira até o rio Areia, cerca de dois quilômetros, chega-se ao garimpo mais próximo, conhecido como "Curimã". O rio, aliás, é o grande problema enfrentado pelos garimpeiros. Quando chove muito, só é possível atravessar de balsas improvisadas, atando pedaços de madeira a tambores de óleo diesel. "Quando chove, isso aqui é o inferno, moço!", lamenta José Scoebel. (N.F.)